

A ANÁLISE ARENDTIANA ACERCA DA DISTINÇÃO ENTRE AS ESFERAS PÚBLICA E PRIVADA

Ana Lúcia Feliciano¹, José Luiz de Oliveira²

1. Estudante de IC do curso de Filosofia da UFSJ

2. DFIME-UFSJ – Departamento de Filosofia / Orientador

Resumo:

A Filosofia Política de Hannah Arendt é pautada por referências ao pensamento político antigo. Enfatizando a dimensão ambivalente da vida humana, a filósofa alemã, em consonância com os gregos, ressalta a existência do âmbito doméstico, bem como a vivência própria da *pólis*.

No tocante à esfera privada, considerando que a pensadora a situa no âmbito pré-político, faz-se necessário analisar as abordagens arendtianas acerca dela, dando enfoque, sobretudo para a proeminência da atividade do trabalho e a ascensão do *animal laborans*. Além disso, o intuito é apontar a distinção arendtiana entre liberdade e libertação.

Todavia, o pensamento político de Arendt é marcado pela relevância dada à esfera pública, onde há o predomínio da igualdade e se constitui o espaço destinado à vivência da liberdade e ao exercício da atividade política. Destarte, neste trabalho, nossa principal tarefa consiste em explicitar, a partir da concepção arendtiana, a distinção entre as esferas pública e privada.

Palavras-chave: Privado; Público; Política.

Trabalho selecionado para a JNIC pela Instituição: UFSJ.

Introdução:

A filósofa alemã Hannah Arendt se apresenta como pensadora influente no campo da Filosofia Política, tendo, pois, contribuído com suas considerações acerca de diversos temas. Logo, com este trabalho, objetivamos abordar a distinção entre as esferas pública e privada, um dos pontos centrais do pensamento político de Arendt. Mediante essa constatação, é relevante analisarmos a perspectiva da pensadora em relação aos domínios político e doméstico, uma vez que o exercício da atividade política requer o bom ordenamento de ambas as dimensões da existência humana.

Nossa filósofa, remontando à Antiguidade clássica, localiza a esfera privada no âmbito pré-político, ao passo que a esfera

pública é considerada propriamente o espaço da liberdade e da política. Ainda no que diz respeito aos domínios público e privado, Arendt ressalta, também, que, na Antiguidade clássica, era exaltada a esfera pública, pois as preocupações com o *koinon* (aquilo que é comum a todos) sobressaíam. Porém, embora o grego arcaico exaltasse a vida na *pólis*, a privatividade não era desconsiderada, já que a boa vida e a ordem nesse domínio eram pré-requisitos para a inserção no mundo público. Em contraposição a esse período da história da humanidade, a filósofa alemã salienta que o homem da Era Moderna voltou-se para a vida privada.

Arendt, ao discorrer sobre a esfera privada, própria da família (*oikia*) e do ambiente do lar, depara-se, naturalmente, com a questão da manutenção do processo vital e, por conseguinte, com a exaltação da atividade do trabalho na Era Moderna. Para a pensadora, a demasiada preocupação com as questões referentes à privatividade implica o esvaziamento do mundo comum e, conseqüentemente, a derrocada da atividade política, o que pode ser comprovado na modernidade em curso.

Tendo em vista as considerações feitas, de início, abordaremos a concepção arendtiana de esfera privada, bem como as análises da filósofa alemã acerca da ênfase nas preocupações referentes à vida doméstica e à conseqüente denominação de *animal laborans* conferida ao homem moderno. Na sequência, analisaremos as ponderações feitas por Hannah Arendt no que diz respeito aos aspectos fundamentais da esfera pública, salientando a peculiaridade de esta ser considerada o espaço destinado à liberdade. Por fim, ressaltaremos a perspectiva da filósofa alemã acerca do mundo comum, próprio da esfera pública e destinado ao exercício da atividade política.

Metodologia:

Este trabalho, que teve como metodologia principal a pesquisa bibliográfica, apoiou-se, em primeiro lugar, na leitura de *A Condição Humana* (2013) e, posteriormente, nas obras *Entre o Passado e o Futuro* (2014) e

O que é política? (1998), de Hannah Arendt. Isso corroborou para que o nosso trabalho se desenvolvesse num terreno seguro e sólido, visto que a obra arendtiana é repleta de fundamentos teóricos capazes de sustentar o trabalho que desenvolvemos.

Fomos orientados para a já mencionada temática a partir de reflexões sobre o que levou a filósofa alemã a demonstrar as distinções entre as esferas pública e privada. Logo, fez-se necessário aprofundar as análises e utilizar como aporte teórico os escritos da própria Hannah Arendt. Não obstante, este trabalho se desenvolveu, sobretudo, a partir da leitura e do fichamento das obras da bibliografia básica já apresentada. Esse momento foi fundamental para a formulação de um primeiro esboço de nosso trabalho, uma vez que nos deparamos com fundamentos que embasaram nossas análises.

Contribuiu demasiado para o desenvolvimento deste trabalho o orientador Prof. Dr. José Luiz de Oliveira, que acompanhou todo o processo desde os resultados das leituras à maturação de ideias. A confecção deste trabalho se tornou possível devido a duas particularidades. Associada à dedicação discente ao âmbito da pesquisa, esteve a todo momento a atenção do orientador, em encontros semanais e individuais, como também a participação no Grupo de Estudos e Pesquisa em Hannah Arendt e Norberto Bobbio (GEPHANB). Participar ativamente de um grupo que se reúne semanalmente, que socializa os estudos e as pesquisas, e debate temas pertinentes, implicou a ampliação do horizonte acadêmico e fomentou este trabalho.

O ponto crucial do nosso trabalho diz respeito às análises de Arendt referentes aos domínios político e doméstico e, principalmente, às especificidades de ambas as dimensões da existência humana. Nesse sentido, apoiamos nossas reflexões notadamente nas obras da filósofa, mas também tivemos contato com os escritos de alguns de seus estudiosos e comentadores, a exemplo de Adriano Correia e Odílio Aguiar. Desse modo, foram feitas leituras, fichamentos e análises de textos inseridos numa bibliografia auxiliar.

Resultados e Discussão:

Na obra *A Condição Humana* (2013), Hannah Arendt ressalta o fato alicerçado no homem de possuir duas ordens de existência; isto é, uma vida privada e outra de caráter público. Logo, a partir de análise histórica, deparamo-nos com os aspectos fundamentais

responsáveis por distinguir o mundo antigo da Era Moderna. Destarte, a análise das considerações feitas pela filósofa alemã acerca do sentido da esfera pública salientou bruscamente o paradoxo existente entre a atividade política e a exaltação da privacidade na Era Moderna.

No tocante à distinção entre as esferas pública e privada, diferentemente da família (*oikia*), que se dá por associação natural e se constitui com base no parentesco, a esfera pública pertencente a *pólis* une os homens considerando o que é comum à espécie. Por conseguinte, na *pólis* grega, não havia dominação e nem submissão. É a partir dessa constatação histórica que a filósofa alemã salienta a condição de igualdade preponderante nesse âmbito. Era na esfera pública, espaço destinado ao discurso (*lexis*) e à ação (*práxis*), onde os homens não estavam sujeitos às necessidades vitais, não eram governados e nem governavam, que a experiência da liberdade se tornava possível.

Considerando que “a política trata da convivência entre diferentes” (ARENDR, 1998, p. 21), nossa pensadora afirma que essa atividade se dá na esfera pública própria do mundo comum. Cabe salientarmos que o mundo comum não se restringe àquele onde os homens estão organizados politicamente e sua vida é garantida, mas que, acima de tudo, é destinado à ação, à palavra e à liberdade, e, também, é essencialmente plural. Nesse sentido, Arendt destaca que a atividade política se torna impossível onde há restrição da liberdade e repressão da espontaneidade humana, uma vez que, mesmo consistindo em algo de caráter pré-político, é a liberdade da espontaneidade que confere à liberdade política seu mais profundo sentido. Para elucidar, a pensadora afirma que, em contraposição ao exercício da atividade política, existem os regimes totalitários, responsáveis por suprimir por completo a liberdade humana.

Na Filosofia Política de Arendt, que é pautada no pensamento político grego, é possível percebermos que, ao longo da História, a política e a liberdade deixaram de ser concebidas como idênticas. Não obstante, aqueles que sucederam os gregos arcaicos não compartilhavam a opinião de que o sentido da política é propriamente a liberdade. No transcorrer da História, foi apregoada a convicção de que a liberdade “só é possível se o homem abre mão do agir, retira-se do mundo em direção a si mesmo e evita a esfera política” (ARENDR, 1993, p. 121). A crença de que liberdade e a política são independentes vai de encontro à concepção clássica de que a

liberdade se encontra no agir e nas esferas pública e política.

Conclusões:

Ao versar sobre os aspectos que distinguem as esferas pública e privada, Arendt se depara com a questão da liberdade. Concebendo-a como um atributo da política, nossa filósofa remonta à *pólis* grega e a destaca, como pressuposto para a vivência desta, a transposição diária que o homem do período arcaico fazia entre a esfera privada e a esfera pública. Conforme a Antiguidade clássica, Arendt salienta a libertação como pressuposto necessário para a liberdade efetivada na *pólis*. Portanto, para poder viver nos âmbitos público e político, o homem precisava desvincular-se de suas necessidades rudimentares, assim como ser livre no sentido de não viver sob coação de outro.

Em suma, depreendemos que, embora a concepção política de Hannah Arendt remonte à Antiguidade clássica, o pensamento da filósofa alemã acentua alguns pontos de discordância com a tradição do pensamento ocidental. Em contraposição a Aristóteles, que acreditava ser o homem essencialmente político, definindo isso por meio do termo *zoon politikon*, Arendt expõe que a política não surge propriamente no homem, mas entre os homens. Não obstante, para o surgimento da política, é necessário que os homens possuam um espaço onde possam ser livres e apresentar suas diferenças e sua espontaneidade.

Referências bibliográficas:

ADLER, Laure. **Nos Passos de Hannah Arendt**. Tradução Salem Levy e Marcelo Jacques. São Paulo: Record, 2007.

AGUIAR, Odílio. **Filosofia Política e Ética em Hannah Arendt**. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2009.

ARENDR, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **A Dignidade da Política**. Tradução Helena Martins Frida Coelho, Antônio Abranches, César Almeida, Cláudia Drucker e Fernando Rodrigues. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

_____. **O que é política?** Tradução Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **Sobre a revolução**. Tradução Denise

Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **A condição humana**. Tradução Roberto Raposo. Revisão técnica Adriano Correia. 11.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

_____. **Entre o Passado e o Futuro**. Tradução Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CORREIA, Adriano (Org.). **Hannah Arendt e a Condição Humana**. Salvador: Quarteto, 2006.

NASCIMENTO, Paulo; BREA, Gerson; MILOVIC, Miroslav (Org.). **Hannah Arendt: Filosofia ou Política?** São Paulo: Annablume, 2010.

SIVIERO, Itomar; ROSIN, Nilva (Org.). **Hannah Arendt: diversas leituras**. Passo Fundo: IFIBE, 2010.